

MORDIDAS NA CRECHE, COMO LIDAR COM ESSA SITUAÇÃO?

Juliana Ferreira de Castro¹
Cristiani Santos Silva²
Idonete Rodrigues de França³

RESUMO

Este artigo tem por finalidade sistematizar informações que contribuam para a conscientização dos educadores acerca das mordidas na creche, são crescentes os fatores que encaminham para determinados comportamentos agressivos ou expressão de insatisfação manifestada pela criança que morde. Assim, este artigo tem por objetivo analisar as causas que encaminham para o comportamento da criança quando manifestado pela mordida, verifica a especificidade e as particularidades do cuidar e do educar no contexto atual, pautando pelo comportamento da criança no âmbito educativo, importante, mais ainda é identificar as necessidades afetivas das crianças, com vistas ao desenvolvimento humano,. Este artigo terá o embasamento teórico respaldado em autores como Piaget, Weiss (2010), que afirma cuidar e educar na perspectiva pedagógica é estabelecer uma visão integrada, com vistas ao desenvolvimento da criança, onde o respeito à diversidade e a realidade cotidiana devem ser contemplada na formação inicial da criança.

Palavras-Chave: Mordida. Criança. Afetividade. Fase.

1. INTRODUÇÃO

No que diz respeito aos frequentes casos de mordidas entre crianças, essas situações são mais frequentes por volta dos dois anos, dependendo em particular de cada criança, algumas por problemas afetivos, outras quando está iniciando a se expressar e se relacionar com todos a sua volta. Manifesta reações, por não ter clareza dos fatos e por não ter compreensão dos seus sentimentos. Na maioria das vezes se irritam com facilidade diante dos acontecimentos diários, ou das situações vivenciadas.

Nesse contexto, pais e educadores devem sempre estar atento e acompanhar cada mudança de comportamento, assim como educar a afetividade dos filhos, uma vez que educação em afetividade auxilia processo

¹ Pedagoga e Especialista em Educação Infantil. E-mail: julianaprofcastro@hotmail.com.

² Graduada em Pedagogia e Especialista em Educação Especial.

³ Graduada em Pedagogia.

do comportamento da criança para que se conheça e conheça tudo aquilo que a afeta, seja no âmbito emocional, no físico ou no social.

Por volta dos dois anos, uma criança típica cria a noção de representação e torna-se mentalmente capaz de representar objetos e eventos e chegar a soluções para os problemas sensório-motores através da representação (pensamento). Os esquemas de uma criança de dois anos são quantitativa e qualitativamente superiores aos da criança mais nova. Durante esses primeiros anos, o afeto é amplamente investido no eu. Segundo Piaget (1986), a criança acredita que tudo que pensa é correto. Quanto aos problemas de conservação, ela não tem consciência das transformações de estados e tende a centrar-se sobre alguns dos seus aspectos perceptivos.

Portanto, é necessário que o educador e pais estejam atentos e compreenda as fases de desenvolvimento da criança, verificar quando esta morde ou vai morder, se ela está com todas as suas necessidades básicas atendidas (fome, sede, sono, etc.), ou se a criança no momento passa por alguma situação emocional tensa (separação dos pais, falecimento, etc.), que influi na mudança de comportamento.

2. NASCEMOS SEM NENHUMA PERCEPÇÃO DA REALIDADE

Piaget (1986, p.56) estuda exaustivamente o sujeito epistêmico, ideal, como se desenvolve a inteligência ao longo do crescimento do homem como um todo: “Podemos dizer que nascemos em um estado em que o núcleo do psiquismo está nada ou pouco desenvolvido e ainda não interligado, sem a mínima percepção da realidade de um modo geral”. Assim segundo o autor, na teoria desenvolvida pelo grande pensador Freud, o ser humano no ciclo do seu desenvolvimento, de acordo com cada etapa da vida tem suas manifestações comportamentais que divergem uma das outras. Para Piaget (1986), quando trata da agressividade esta pode ser desencadeada, conforme as atitudes da

criança de maneira positiva e necessária ao seu desenvolvimento, pois é ela quem dá o impulso para a busca da realização de desejos, no entanto, também pode se constituir numa manifestação negativa da personalidade, levando inclusive a atos violentos e à destruição.

[...] as manifestações do comportamento agressivo por parte da criança aparece a partir do segundo ano de vida e no curso do terceiro. Nos primeiros anos, a criança apresenta reações comportamentais de raiva, com agitação violenta, como: bater os pés, gritos, quando não obtém o que espera. Por volta dos 2 e 3 anos, existe mudanças de comportamento. Ao mesmo tempo, ataca, arranha, puxa os cabelos, morde as crianças de sua idade (crianças mordedoras) no parque ou na caixa de areia, às vezes, também em sua família. Depois, essas reações se dissipam: pelos 4 anos, a criança exprime sua agressividade verbalmente, mas não mais em gestos. Suas fantasias agressivas são então, muitas vezes, ricas e numerosas, como o atestam seus jogos, ao mesmo tempo em que surgem os sonhos de angústia e de agressão. Há, contudo, uma grande diferença conforme o sexo: os meninos adotam mais seguidamente atitudes agressivas do que as meninas (MARCELLI, 1988, p. 158).

De acordo com Piaget (1986), ao longo do desenvolvimento pré-operacional (2-7 anos), o comportamento intelectual passa de um nível sensório-motor para o nível da representação. É necessário, que nessa fase, tanto os pais como educadores devem acompanhar o contexto em que a criança está inserida para, a partir daí, entender as manifestações comportamentais, assim como determinadas situações de agressividade que se manifesta. Para Piaget (1986) a agressividade nessa fase se constitui como componente importante para a constituição do psiquismo.

[...] Há um rápido desenvolvimento das habilidades representacionais, incluindo a linguagem oral que acompanha, mas não é a causa do acelerado desenvolvimento conceitual que ocorre nesse período. O pensamento infantil pré-operacional é egocêntrico, na medida em que é incapaz de assumir o ponto de vista dos outros. Os fatores que compõem a agressividade infantil; é uma série de fatores que se originam durante a infância. (MARCELLI, 1988, p. 158).

Segundo a teoria elaborada por Wallon, Galvão (1996) explica que no desenvolvimento humano podemos identificar a existência de etapas claramente diferenciadas, caracterizadas por um conjunto de necessidades e de interesses que lhe garantem coerência e unidade. Sucedem-se numa ordem

necessária, cada um sendo a preparação indispensável para o aparecimento das etapas seguintes.

O estudo da criança contextualizada, conforme as colocações de Galvão (1996) possibilitam que se perceba que, entre os seus recursos e os de seu meio, instala-se uma dinâmica de determinações recíprocas: a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre sujeitos e seu ambiente. Conforme o ambiente a criança interage mais fortemente com um ou outro aspecto de seu contexto, retirando dele os recursos para o seu desenvolvimento. Dessa forma, se faz necessário conhecer aquelas crianças que apresentam comportamento agressivo no espaço escolar, qual a causa.

[...] A sensação se refere ao reconhecimento dos estímulos presentes num ambiente, feito pelo aparato sensorial humano, ou seja, pelos órgãos do sentido. Ela possibilita ao indivíduo se informar-se de algumas características e propriedades de coisas e fenômenos de seu meio, como, por exemplo, a presença de determinadas formas, cores, sons, temperatura ambiente, objetos ou pessoas (SHIRAHIGE E HIGA, 2007, p. 70).

Nesta perspectiva, as autoras enfatizam que o ser humano dispõe, também, de outras fontes de captação e identificação de estímulos que lhe permitem, entre outras coisas, que diz respeito ao processo de agressão por parte da criança. Na maioria das vezes, uma criança inibida, sem oportunidade em demonstrar suas capacidades, vai mostrá-las através de atitudes agressivas com o objetivo de chamar a atenção do professor ou até mesmo dos colegas. São várias as manifestações comportamentais como: quebrar objetos, rasurar cadernos dos colegas, riscar paredes da sala, podendo rasgar caderno, entre outros, são maneiras de demonstrar a agressiva internalizada.

Para Shirahige e Higa, (2007), a manifestação por meio da mordida, quem quer que seja, tanto aos colegas, quanto a professora, representa que algo de errado está acontecendo, tem uma mensagem que a criança está passando e necessita ser ouvida. Ao presenciar tais fatos, o educador deve ficar atento e procurar saber de onde vem essa agressividade e saber as causas para saná-la. Se responder as mordidas com castigos então reforçará tal comportamento agressivo, contribuindo para aumentar.

Segundo Shirahige e Higa, (2007), essa agressividade manifestada precisa ser acompanhada para que a criança sinta-se segura do afeto dos pais, aprendendo a administrar os seus sentimentos. Segundo as autoras não se deve ser ignorar a atitude agressiva da criança; os pais precisam primeiramente entender o que está acontecendo com o seu filho e orientar sobre o que fazer com o que está gerando o comportamento agressivo.

Segundo Galvão (1996) a perspectiva Walloniana o desenvolvimento infantil é um processo pontuado por conflitos. Conflitos de origens exógenas, quando resultantes dos desencontros entre as ações das crianças e o ambiente exterior, estruturados pelos adultos e pela cultura. Analisando dessa forma, as contribuições da autora a que vêm somar para o nosso entendimento, pois o ambiente escolar é passível frente aos erros que se repetem, porque desconhece as várias fases de desenvolvimento da mente humana em desenvolvimento; e persiste no erro por não querer conhecer o ambiente cultural de cada criança para poder auxiliar na sua formação. Não que isso seja suficiente para a construção do desenvolvimento, sobretudo das crianças, mas com certeza é indispensável para efetivar uma construção progressiva em que se sucedem as fases do desenvolvimento principalmente na escolarização.

2.1. A relação entre afetividade e a agressevidade

Quando se trata da formação integral do educando, que deve ser proporcionada pela família e escola, deve se pautar pelo desenvolvimento: intelectual, afetivo e social. Almeida (2000) descreve que Henri Wallon (1879-1962), no início do século passado, revolucionou o ensino com sua teoria pedagógica, afirmando que o desenvolvimento intelectual envolve muito mais do que um simples cérebro. Essa teoria na época trouxe profundas reflexões, mudou algumas convicções vigentes na época, pois, a memória e a e a cultura do conhecimento eram respeitados ao máximo em termos de construção do saber propriamente dito. Esse médico e psicólogo, ao mesmo tempo filósofo, que vinha já há algum tempo tentando criar projetos de reforma para o ensino

da França, criou uma teoria sobre o desenvolvimento humano, em virtude de sua preocupação com a educação. Envolveu também a psicologia com a pedagogia, visando uma educação preocupada com a formação geral sólida.

Segundo Mahoney (2000), a teoria Walloniana, foi uma das primeiras a transportar o emocional do ser humano para dentro de uma sala de aula. Acreditou que a criança somente obteria sucesso no ensino e aprendizagem se trabalhada os quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, a inteligência, o movimento e a formação do eu como pessoa. O emocional para Wallon têm papel de destaque no desenvolvimento da pessoa. Acredita que através das emoções que o aluno expõe seus sonhos e suas aspirações. Essas manifestações são as que expressam um emaranhado de situações de grande importância, mas pouco trabalhado pelos modelos tradicionais de ensino.

Almeida (2000) corrobora com a Teoria das Emoções, considerada por Wallon de grande importância, pois para ele, a emoção deixar transparecer a afetividade, um fato fisiológico nos seus componentes humorais e motores e, ao mesmo tempo, um comportamento social na sua função de adaptação do ser humano ao seu meio:

[...] As emoções, são a exteriorização da afetividade (...) Nelas que assentam os exercícios gregários, que são uma forma primitiva de comunhão e de comunidade. As relações que elas tornam possíveis afinam os seus meios de expressão, e fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados. (WALLON, 1995, p. 143)

Dantas (1992) estudiosa da obra de Wallon há 20 anos, trás nas suas contribuições que os sentimentos mais profundos de uma criança: a raiva, a alegria, o medo, a tristeza, ganham força em função do meio em que vive.

Segundo Galvão (1996) é frequente ouvir que o aluno não aprende por apresentar “gravíssimos problemas emocionais”. Questionamos o que é considerado um grave problema emocional para o educador? Estas são perguntas trazidas pela autora, um tanto quanto difíceis de responder e que devem ser consideradas no ambiente escolar antes de qualquer coisa. O professor no decorrer da construção do ensino e aprendizagem, não conhece o suficiente em muitos aspectos da dinâmica emocional do seu aluno. Como

discorre a autora citada à cima, não é fácil saber como o professor deve agir em sala de aula referente as agressões manifestadas por parte da criança. Essa lacuna de conhecimentos soma-se ao peso de vários outros fatores que também influenciam a atuação docente, dificultando a orientação da aprendizagem: o uso de uma metodologia inadequada, a falta de recursos didáticos, as condições insatisfatória do trabalho O professor termina, assim, apelando para a ideia de problemas emocionais graves e de desajustes familiares, colocando apenas sobre o aluno o peso de um fracasso que também é seu.

Conforme Mahoney (2000) as transformações fisiológicas que uma criança passa, como é explicada na teoria de Wallon, revelam traços importantes de caráter e personalidade. Exige nesse caso, muita atenção por parte do professor que permeiam a sua relação com a criança para que os coleguinhas não reajam às provocações aumentando ainda mais a agressividades.

Dantas (1992) de acordo com a teoria walloniana desenvolvida, falar de afetividade no ato educacional, é descrever sobre algumas dificuldades que as crianças enfrentam em seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Não lhes é fácil isolar-se mentalmente do meio onde se está e ficar incógnito em meio às situações, os inúmeros medos e problemas de relacionamento com as outras pessoas aparecem, principalmente na relação professor-aluno e aluno-aluno.

[...] É prudente, todavia, não se concluir que todas as crianças que apresentam problemas de comportamento agressivo são crianças difíceis ou normais. Sobretudo, não é possível pensar que os 40% dos alunos que não se alfabetizam na primeira série da escola brasileira não o façam devido os desajustes emocionais (SHIRAHIGE E HIGA, 2007, 69).

Além disso, mesmo conhecendo a importância dos fatores emocionais e afetivos que encaminham a criança a manifestar-se por meio de agressões.

O específico na instituição escolar é propiciar a aquisição e reformulação dos conhecimentos elaborados por uma dada sociedade. Ainda que atente os aspectos emocionais, não é função de a escola promover o ajustamento afetivo, a saúde mental, ou mesmo a felicidade do aluno. Isto

compete aos professores juntamente com a família proporcionar um ambiente estável e seguro, onde as crianças se sintam bem, porque nestas condições a atividade intelectual fica facilitada. Neste sentido, alguns pontos que se julgam centrais para a compreensão do desenvolvimento afetivo e de seu papel na aprendizagem devem ser discutidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo tratou de buscar fundamentos que trata a respeito de determinadas agressões por parte da criança manifestadas por meio de mordidas, referente as questões que envolvem a agressividade infantil, uma vez que é perceptível e crescente a dificuldade de pais e educadores em saber tomar decisões perante as crianças que apresentam comportamentos agressivos. Conclui-se que falta preparação por parte dos envolvidos e saber sanar a questão que envolve esse tipo de agressividade.

Portanto, no que diz respeito aos fatores que envolvem a agressividade nessa fase infantil, principalmente as mordidas, é preciso que pais juntamente com os educadores, observem e encontrem juntos, o causador desse comportamento agressivo da criança, pois são construídos na interação social. Portanto, é de fundamental importância conversar abertamente com as crianças, mostrando-lhes comportamentos positivos, através de ações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. São Paulo: Summus, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 30.ed., São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GALVAO, Izabel. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis. 1996. P.134.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

SHIRAHIGE, E.E. HIGA, M.M. **A contribuição da Psicanálise à Educação**, 2007.